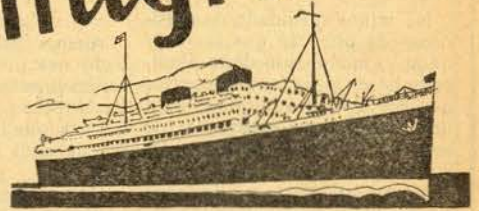




O Assistente ao Emigrante



Órgão do Sindicato Nacional dos Empregados da Assistência aos Emigrantes em Navios Estrangeiros do Distrito de Lisboa

Redacção e Administração:

RUA FERNANDES TOMAZ, 20-1.º
TELEFONE 28605

DIRECTOR: Bernardino dos Santos

EDITOR: Cesário dos Santos Monteiro

Propriedade do S. N. E. A. E. M. E.

Composição e impressão:

CAÇADA DOS CAETANOS, 18
TELEFONE 21450

BARRA FORA...

Os nossos amigos

Engenheiro Hígino de Queiroz e dr. Amaral Pirrait, são dois nomes que na nossa casa são sempre pronunciados com veneração e respeito.

A estes dois ilustres dirigentes do Instituto Nacional do Trabalho, deve a classe muito da sua situação e o Sindicato bastante do seu progresso.

O nosso jornal não podia deixar de apontar à classe e aos seus leitores, com justas palavras de gratidão, a figura destes ilustres amigos, que na defesa dos trabalhadores, quer em actos públicos quer nos gabinetes, tem desenvolvido acção brilhantíssima, honrando e prestigiando o Estado Novo Corporativo.

Gratidão

A firma E. Pinto Basto & C.ª Ltd.ª, representante em Lisboa de varias companhias de navegação, tem usado nas suas relações com este Sindicato de uma lisura e consideração que muito nos tem desvanecido.

Dos seus dirigentes se pode dizer que têm em cada servidor um amigo e em cada amigo um admirador, tal é o acêrto das resoluções e afabilidade do seu trato.

Não pode este jornal esquecer que a classe tem recebido inúmeras atenções desta firma, que foi das primeiras a ajudar a organizar esta colectividade, e reconhecendo-o presta-lhe aqui a homenagem devida.

O assistente ao emigrante

Causou verdadeiro entusiasmo na classe, o aparecimento do jornal, iniciativa que muitos supunham não passar do campo nebuloso das «piedosas ambições».

Afinal o jornal apareceu e soubemos logo que mereceu reparos.

Estamos absolutamente de acôrdo. Gráficamente, pelo menos, o jornal não saiu a nosso contento, mas porque se tratava de um primeiro número são perdoáveis as falhas.

Tentaremos, na medida dos nossos recursos melhorar tanto quanto possível o nosso pequeno e modesto mensário, para que ele cumpra inteiramente a sua missão, sem mais reparos.

Solidariedade

A solidariedade foi em todos os tempos um dos mais nobres sentimentos humanos.

Nos trabalhadores de uma oficina, de uma fábrica, de um estabelecimento comercial ou ainda numa classe inteira, esse sentimento enobrece-se mais, atingindo pontos máximos de beleza e humanidade.

A solidariedade entre a nossa classe é uma vaga aspiração de bem intencionados; mesmo aqueles que a pretendem praticar, fazem-no erradamente.

Solidariedade não é tomar partido incondicional com as atitudes de qualquer camarada, que expressem revolta infundada.

Solidariedade não é a aceitação e até o apoio das ideias que não conduzem à perfeição e ao bem estar da classe, e ao bom desempenho da nossa profissão.

Solidariedade, é antes de tudo, colaboração e conselho, harmonia e paz.

A solidariedade que nós devemos praticar para com os nossos colegas, é ajudá-los, quando o trabalho os sobrecarrega, e aconselhá-los quando a sua conduta os leva a caminhos perigosos, é defendê-los e esclarecê-los e acompanhá-los, sem falsidades, lealmente, sinceramente, como irmãos.

Ser solidário é ser amigo e conselheiro, ao mesmo tempo.

A solidariedade a usar para com os nossos camaradas a bordo, quando nos encontramos rodeados de estrangeiros, sujeitos a todos os ambientes, deve conduzir à formação de um bloco de vontades e de bons pensamentos, que a todos por igual dignifiquem e enobreçam.

Por solidariedade entendemos nós um todo, representando uma só orientação, uma só conduta igualitária, que nos imponha ao respeito dos estrangeiros, à consideração dos patrícios e à dignificação da Nação.

Tu que nos lês, e que em tantos momentos da tua vida profissional deves ter sentido a falta de um amigo que te oriente e aconselhe em situações de perigo, medita bem nestas palavras.

A solidariedade que deves aos teus camaradas terá de ser baseada numa sólida moral e disciplina.

Procurarás antes identificar-te com as circunstâncias, examinarás o temperamento dos que te rodeiam, e actuarás de forma a apaziguar e harmonizar.

Não regatearás o teu apoio o teu auxílio às causas justas, mas deverás, ter, querido camarada, extraordinárias precauções no apuramento da verdade que te há-de decidir.

E sobretudo salva a dignidade da classe, a bandeira do teu sindicato e o bom nome da nossa Pátria.

BARRA FORA...

Camaradagem mal compreendida

«Queres conhecer o vilão mete-lhe a vara na mão:» é um adágio já muito velho, que o povo na sua simplicidade atilada costuma pronunciar, para definir aqueles indivíduos que de momento alcañorados a situações de comando, esquecem os seus princípios e se entregam a usar sobre os seus colegas de ontem processos de violência.

É o caso de um camarada do Porto que acidentalmente desempenha na inspecção médica de Leixões, a função decorativa de ajudante do ilustre médico inspector.

Alberto Louchner, assim se chama o referido camarada, é um enfermeiro do quadro efectivo do Porto, e nas horas vagas está coadjuvando os trabalhos de secretaria do Ex.º Sr. dr. Pinto da Cunha.

É um profissional de assistência, um membro da classe do norte, e que, como todos nós, vive da árdua e difícil profissão, sujeito aos mesmos perigos, às mesmas ingratas contingências da crise.

Estaria indicado que este camarada, sabendo de bem perto quanto custa aos seus colegas do norte a vida que levam, procurasse, dentro da esfera da sua acção, minorar o sofrimento alheio, encorajando os desiludidos e pondo no desempenho do seu lugar de ocasião, aquela dose de carinho e paciência que eleva e dignifica o homem.

Mas não. O camarada Louchner, aproveita as funções que momentaneamente tem na Inspeção médica do Porto, para malquistar camaradas seus que não lhe são simpáticos, usando umas atitudes e linguagem que nem num patrão ríspido teriam cabimento.

Sabemos de alguns casos edificantes que abonam pouco o procedimento desse camarada, mas como julgamos todo o homem capaz de uma reconsideração nos gestos e atitudes que lhe apontem serem inconvenientes, esperamos que o camarada Louchner modifique a sua conduta porque, estamos certos, não esquecerá que os camaradas que sofrem as suas impertinências são socialmente tanto como ele, oficiais do mesmo officio, membros do mesmo Sindicato e, como ele ainda, trabalham por necessidade e não por desporto.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Duas palavras

Aos meus camaradas

Na minha qualidade de presidente da direcção que acompanhou o movimento d'este Sindicato, desde a sua fundação, creio que me sobeja autoridade para dirigir aos meus camaradas de trabalho as linhas que vão seguir-se.

Tenho que dizer-vos, sem que tal constituia para mim vaidade, que tenho dedicado à classe o melhor do meu esforço, da minha competência e vontade. Aqueles que dentro da Direcção comigo têm privado' conhecem bem qual tem sido a minha acção.

Quero, portanto, dizer-vos, que continuo a confiar no êxito dos esforços que a direcção tem realizado para melhoria da classe, desde que á frente dos destinos da Nação estejam os homens que actualmente todos nos acostumámos a admirar.

Mas, queridos camaradas de todas as profissões, é preciso que todos contuem a ter no Sindicato a confiança suficiente para podermos proseguir na nossa missão tão árdua e espinhosa. Eu sei que no geral vós julgáveis que os directores do Sindicato o são por espírito de vaidade, esquecendo-se dos sacrificios que todos fazem para desempenhar tal cargo, primeiro porque nos falta competência segundo porque a nossa vida, particular é prejudicada com a assídua presença que temos de ter no gabinete da Direcção.

Eu sei, e todos os colegas da direcção também o sabem, que a bordo vos entreteis a criticar os nossos actos, vindo em todos eles defeitos e erros. Não os negamos, mas o certo é que não aparece quem nos substitua ou que nos queira auxiliar no desempenho da nossa missão.

Criticar, destruindo é fácil, mas trabalhar para construir é difícil.

Se todos os associados se prestarem a colaborar com a Direcção na defesa dos interesses de todos, o ano de gerência que vamos iniciar com sacrificio poderá resultar proveitoso.

Mas se não recebermos essa colaboração, ao menos que não estorvem o nosso trabalho com criticas infundadas, com intrigas que tem apenas por fim desgostar-nos e desanimar-nos.

Espero e aguardo a confiança de todos.

O encargo de dirigir é pesado, cada ano que passa maior é o desenvolvimento do Sindicato, e por conseguinte dobrado o trabalho.

Ajudem-nos se puderem e quiserem, e se isso não for possível, deixem-nos ao menos trabalhar pelo bem de todos.

BERNARDINO DOS SANTOS

Apalpando o terreno . . .

A resposta do "Diário de Notícias"

Apenas para que fique arquivado nas nossas colunas, publicamos a resposta que o "Diário de Notícias" entendeu dever dar à carta que lhe endereçamos no dia da saída do seu primeiro artigo.

Como tínhamos calculado, o "Diário de Notícias", o colosso da imprensa lisboeta, apelidou de infeliz a nossa carta. Tão infeliz ela foi que o "Diário de Notícias" esteve 15 dias a digeri-la, para botar cá para fora esta interessante resposta . . .

A propósito de uma local que publicámos há dias, com este título, o Sindicato Nacional dos Empregados da Assistência aos Emigrantes em Navios Estrangeiros do distrito de Lisboa enviou-nos uma carta, divergindo das considerações que fizemos quanto a determinadas cláusulas do decreto n.º 19.029. Só pela muita consideração que nos merecem as classes marítimas nos referimos a tal carta, de todo o ponto infeliz, principalmente quando se refere a supostos interesses que teriam inspirado as linhas que escrevemos.

O Sindicato vê um grande perigo no pedido que formulámos de que os passageiros de 3.ª classe, que se destinam às Américas possam embarcar em portos estrangeiros, escolhendo, à vontade, o barco em que desejem viajar. Ora, a verdade é que tal perigo não existe.

O que, principalmente, pedimos foi que o decreto se modificasse, no sentido de se esclarecer a distinção que existe entre «emigrados» e «emigrantes». Repetimos que «emigrantes» são os que saem, pela primeira vez, da sua terra, em busca de fortuna; estes é que precisamos de ser protegidos pelas leis de emigração, gozando as regalias que lhes oferece o decreto n.º 19.029, pois se dirigem a país desconhecido e cuja lingua, em geral, não conhecem. Mas não é esse o caso dos «emigrados», pois há milhares estabelecidos na América do Norte, que falam e conhecem o idioma do país para onde voltam. Porque não se ser obrigados a embarcar só em portos portugueses?

E' essencialmente quanto a este ponto que o «Diário de Notícias» pretende que seja modificada a legislação, no sentido de que tais passageiros viagem com toda a liberdade, escolhendo os navios que mais lhes aprouver.

Não pretendemos que se modifique por completo o decreto n.º 19.029, pois só julgamos necessário o esclarecimento no que diz respeito a passageiros de 3.ª classe que se destinam à América do Norte, porquanto para a América do Sul há cerca de 15 ou mais navios por mês, que fazem, regularmente, a carreira, o que não acontece quanto à linha para os Estados Unidos.

Nesta linha, actualmente, só uma companhia faz serviço — a Consulch Line, representada pelos srs. Pinto Basto & C.ª — visto que a companhia grega, ao contrário do que nos informa o Sindicato, suspendeu a sua carreira, por qualquer razão que desconhecemos, há cerca de quatro meses. Ora acontece que a companhia italiana só toca o porto de Lisboa, irregularmente, em períodos muito espaçados, que variam entre 30 e 40 dias; mesmo assim tem acontecido a que a Consulch, depois de anunciar a partida dos seus barcos, tem anulado carreiras.

Sabe-se que o passageiro que regressa à América é bem conhecido, pelo «permitt» que lhe concedem e cuja validade é limitada, tanto que, passado o tempo, o seu possuidor não pode voltar, muitas vezes até à custa de graves prejuizos. Como é que, nestas circunstâncias, tal passageiro tem garantido o seu regresso? Porque não lhe hão-de consentir que ele embarque em qualquer porto estrangeiro, se está em condições de dispensar, por não ser emigrante, a protecção que as leis da emigração oferecem?

Não é nosso intuito prejudicar os interesses dos empregados de assistência aos emigrantes em navios estrangeiros; mas, como acima dizemos, o número de saídas para a América do Norte é relativamente, muito pequeno, pelo que os filiados no Sindicato não devem sofrer com a alteração que preconizamos ao decreto. Acresce que não é provável que a companhia italiana, por tal motivo, deixe de tocar o porto de Lisboa.

Não merece a pena estarmos a perder mais tempo com tal assunto.

O «Diário de Notícias» nesta sua resposta já não fala na «United States Lines», . . . é já qualquer coisa.

Quanto à resposta que a nada responde, não merece comentários.

Caixa de Auxilio

Acêrca dos subsidios

Há dentro do Sindicato uma organização que a classe precisa conhecer bem — a Caixa de Auxilio.

Ela é, já hoje, qualquer coisa de grandioso, que deve e merece ser destacado devidamente, não só para que seja reconhecida por todos a sua utilidade, mas também a acção daquela meia dúzia de boas vontades que a tornaram possível.

A Caixa de Auxilio não está legalmente organizada é facto; os seus Estatutos não estão ainda sancionados superiormente apenas porque não está ainda publicada a legislação que a deve reger oficialmente.

Mas está autorizada a funcionar com o regulamento aprovado em Assembleia Geral, e assim tem exercido a sua benéfica acção.

Sabem todos os associados, porque disso foram prevenidos por circular, que a Caixa distribui subsidios no funeral e na doença, mas muitos já esqueceram, por comodidade e preguiça, que os direitos da Caixa podem ser usufruidos por todos.

Quem os não usufrue quando está em condições disso, não tem o direito de repontar quando vem pagar suas cotas.

A Caixa de auxilio distribuiu no ano de 1935, Esc. — 1.974\$30, em subsidios, e mais vasta não foi esta distribuição porque, felizmente, os casos de doença foram poucos, na classe.

Para receber o subsidio de doença é necessário que o sócio o participe à direcção, acompanhado de um atestado médico, do qual deverá constar o género de doença. (Este atestado é para uso exclusivo da Caixa e não serve para ser enviado com a participação de doença à Inspeccção médica, pelo que pode ser feita em papel comum).

Sabemos que alguns associados não têm querido receber o auxilio de doença, porque supõem, erradamente, que não estão ainda em condições de receber esmolas ou favores, no seu dizer.

Puro engano. O subsidio da doença ou falecimento, isto é, o auxilio da Caixa, não é esmola, não é favor. E' apenas um direito que o associado deve usar legitimamente, e o que recebe não é mais nem menos do que a compensação justa à sua contribuição para a Caixa.

Podem, se o desejarem, não receber o subsidio, e contribuir assim para o progresso de uma instituição a todos os títulos altruista, mas esta atitude tomem na livremente, apenas com o intuito de ajudar e nunca por receio de serem humilhados.

Todos os associados devem levantar os seus subsidios, desde

Escala de Navios

PARA O SUL:

DIAS	NAVIOS	CAIS	
1	H. Brigade	Alcantara	Toca no Pôrto
2	General Osório	Cais da Rocha	" " "
7	Arlanza	Alcantara	" " "
8	Monte Olívia	Alcantara	" " "
12	Cap Arcona	Alcantara	" " "
13	Hilary	Cais da Rocha	" " "
15	H Patriot	Alcantara	" " "
20	Massília	Rocha	" " "
21	Alcantara	Rocha	" " "
22	Madrid	Alcantara	" " "
23	Vulcania	Alcantara	" " "
28	Eubee	Rocha	" " "
29	H. Monarch	Alcantara	" " "
30	Cap Norte	Rocha	" " "

Continua na pag. 4

Ação Corporativa

PELO PORTO

A dignidade do trabalhador

O Sr. Sub-Secretário de Estado das Corporações visitou as regiões atingidas pelos últimos temporais

O Estado não esquece, na sua nova concepção política, a miséria dos trabalhadores atingidos pelas fúrias da natureza.

Os últimos temporais, como se sabe, causaram por esse País fora, prejuízos consideráveis, e a eles, prontamente, o Estado acudiu na medida do possível. Um dos actos mais importantes do Governo foi a visita que o Ex.^{mo} Sr. Sub-Secretário das Corporações fez, às regiões, no passado 29 de Março último.

S. Ex.^a visitou Vila Franca de Xira, Reguengo, Santarem, Cartaxo, Barquinha e Entroncamento.

Nestas localidades verificou S. Ex.^a a forma como estava sendo distribuído o socorro do Estado, tendo palavras de homenagem para os dirigentes das Casas do Povo, onde essa distribuição era feita.

A' sua chegada a Lisboa, o Sr. Dr. Rebelo de Andrade, fez ao nosso colega *Diário da Manhã* as seguintes declarações, que transcrevemos com desvanecimento:

— Estou excelentemente impressionado pelo que me foi dado apreciar na minha viagem pelo Ribatejo.

«Encontrei por toda a parte um alto espirito de solidariedade em plena actuação numa grande obra de assistência.

«As autoridades locais, os proprietários, os organismos corporativos e o Governo, estão trabalhando dentro do mesmo espirito eminentemente social no sentido de debelarem a crise motivada pelo estado do tempo.

«As Casas do Povo — desejo accentuar — estão dando provas da sua plena eficiência.

«Há muita pobreza, mas há também uma grande obra de assistência que está minorando tanto quanto possível os efeitos da crise.

«De resto, logo que o bom tempo volte, haverá trabalho nos campos para toda a gente».

Salazar inaugurou as refeições económicas para os Sindicatos nacionais

Acaba de inaugurar-se mais um grandioso melhoramento para os trabalhadores. Mais um triunfo da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, instituição a todos os títulos simpática e útil, uma das mais

Continua na pag. 4

O estranho caso das inspecções ao pessoal

Numa recente deslocação que o autor destas linhas fez à capital do Norte, foi-lhe revelado, em conversa amena com a direcção do sindicato congénere, que o pessoal do Norte se encontrava de veras desgostoso com o facto de antes dos embarques ter de ser submetido a uma inspecção.

Achamos estranho o caso e, como é natural, quizemos saber pormenores do assunto, os quais prontamente nos foram contados.

Para dar tempo à realização das inspecções, o ilustre inspector médico, costuma chamar com antecedência de três a quatro dias, o pessoal em número superior ao que é necessário para o embarque em determinado navio.

Supõe-se, para exemplo que o navio tal leva aproximadamente um enfermeiro, um ajudante de enfermagem e quatro criados.

Logo o ilustre inspector médico transmite essa requisição ao Sindicato, e esse pessoal terá de apresentar-se na Inspecção em Leixões para ser inspecionado.

Pode acontecer — e com frequência assim é — que não sigam todos os criados nesse tal barco, que fiquem dois por exemplo.

Esses dois, são os primeiros da escala, e na próxima chamada de pessoal terão de novamente ir a Leixões, a nova inspecção, ainda mesmo que a anterior se tenha realizado três dias antes.

Se morarem no Porto, gastam de elétrico 3\$00, cada vez que vão a Leixões, a fora o tempo que perdem, se morarem nos arredores, e muitos são, as despesas com as inspecções são maiores ainda.

Dizem-nos até que já tem acontecido a alguns serem inspecionados três vezes antes de embarque.

Outro inconveniente das inspecções reside no facto de, que quando há dois barcos no mesmo

dia a confusão ser de tal ordem, que chega a ir para o primeiro barco os números 1, 2, 5 e 6 da escala e os 3 e 4 para o segundo, isto porque as chamadas mal dão tempo para se proceder à inspecção respectiva.

Mas, preguntamos nós? As inspecções são realmente de uma necessidade tal que se sobreponham aos inconvenientes de ordem burocrática que acarreta e os prejuízos de natureza material que causa ao pessoal?

Os serviços de assistência aos Emigrantes, regem-se por uma lei única; uma só é a individualidade que os dirige, e única também a orientação que lhe tem sido dada.

Porque será então que no Norte se segue prática diferente da de Lisboa?

Recorda-nos que, ainda no tempo do inspector geral dr. Duarte Silva, por se ter verificado haver no Porto um profissional com afecções pulmonares, foi ordenada uma inspecção geral ao pessoal.

Essa inspecção, lembra-nos, deveria fazer-se à medida que o pessoal fosse chamado para embarque, para não aglomerar, e fez-se. Mas é evidente que aquela ordem se referia a uma inspecção única.

Terá, por acaso, sido mal interpretada aquela ordem, pelo ilustre inspector do Porto?

Crêmos que sim.

De resto é nossa convicção que o Ex.^{mo} sr. dr. Pinto da Cunha é o primeiro a reconhecer o inconveniente e trabalho enorme que traz a tal inspecção permanente.

Eis, porque, nos permitimos chamar para o assunto a digna atenção do ilustre dirigente dos serviços, satisfazendo assim o pedido dos camaradas do Norte, transmitido pela voz da direcção do seu Sindicato Nacional.

Escala de Navios

PARA O NORTE:

DIAS	NAVIOS	CAIS
2	— Cap Norte	Alcantara
4	— H. Monarch	Rocha
10	— Monte Sarmento	Alcantara
16	— Anselm	Alcantara
17	— Monte Pascoal	Alcantara
18	— Belle-Isle	Rocha
19	— H. Chieftain	Rocha
22	— António Delfino	Rocha
24	— Astúrias	Alcantara
28	— General Artigas	Alcantara

RESUMO: para o Sul 14; para o Norte 10.

Não é o officio ou o cargo que exaltam o homem; antes este é que honra e levanta a ocupação em que se distingue e que bem desempenha.

A grandeza e prosperidade, podem atribuir-se ao estímulo despertado pela consideração tributada a todo o homem que exerça um mister honesto, quer seja trabalho intellectual, quer manual, como factor do progresso geral e bem comum.

É também pelo trabalho que se adquire o bem-estar económico, importante condição para o completo desenvolvimento das faculdades no homem e para a dignificação do lar.

Convém honrar os que trabalham e remunerá-los equitativamente, porquanto o descontentamento dos proletários, para o qual não pouco concorre a insuficiência dos salários, é causa de contínuo sobressalto constituindo, além disso, a miséria do operário uma vergonha para quem o consente.

Se o operário tem direito a que o respeite, aspira também a organizar-se em associações para defesa dos seus interesses e mútua protecção.

Manuel Filipe Rebêlo

Os que morrem

Gracinda Fernandes

Após longo e doloroso sofrimento no Hospital de S. José, faleceu no passado dia 17, esta nossa presada consócia.

Gracinda Fernandes era uma colega na verdadeira acepção da palavra, motivo porque na classe gosava de profundas simpatias.

A colectividade, porque foi avisada do seu falecimento quando já o funeral se tinha realizado, não pôde fazer-se representar.

A' família enlutada os nossos sentidos pesames.

ENDEREÇOS DOS SÓGIOS

Mais uma vez se recomenda a todos os camaradas o favor de comunicarem à Direcção todas as suas mudanças de residências, ainda que temporárias.

A falta de morada certa pode acarretar-lhes dissabores e prejuízos, dos quais culpa alguma pode ser atribuída à Direcção.

Falta de espaço

A falta de espaço com que lutámos no nosso primeiro número, obrihou-nos a retirar vários original já composto.

Algum dele perdeu a sua oportunidade, mas outro, como por exemplo um oportuno artigo do nosso querido director Bernardino dos Santos, pode vir a público porque o assunto é de palpitante actualidade.

Publicamo-lo na 2.^a página e para ele chamamos a atenção dos nossos camaradas.

O nosso aparecimento

O nosso querido colega «A Vida Social» referiu-se nestes termos ao nosso primeiro número:

«Recebemos a visita do primeiro número deste jornal, órgão do Sindicato Nacional dos Empregados da Assistência aos Emigrantes em Navios Estrangeiros do Distrito de Lisboa. É seu director o nosso velho e particular amigo Bernardino dos Santos, que apresenta o seu jornal com boa redacção. Parabens e longa vida.»

Também o Sindicato Nacional dos Officiais Maquinistas da Marinha Mercante nos enviou um amável officio de saudação.

Os nossos agradecimentos,

Caixa de auxílio

Continuação da pag. 1

que as suas doenças os impossibilitem de trabalhar.

A direcção lá está para fiscalisar a sua distribuição — como lhe cumpre — mas esta fiscalização não é vexatória porque tende sòmente à verificação da veracidade da doença do associado e se ela é de molde a permitir uma honesta distribuição do subsídio.

Balancete da Caixa no mês de Março

Saldo anterior . . .	12.061\$70
Cobrança de cotas . . .	1.046\$50
	<hr/>
	13.108\$20
Despeza	
Renda da casa . . .	150\$00
Emprego	50\$00
Despesas Gerais . . .	16\$00
	<hr/>
	216\$00
Saldo para Abril . . .	12.892\$20
	<hr/>
	13.108\$20

Ação Corporativa

Continuação da pag. 1

felizes iniciativas do Estado Novo.

Ao acto presidiu o Sr. Presidente do Conselho que se fazia acompanhar do seu chefe de gabinete, tendo S. Ex.^a proferido, durante a minuciosa visita que fez a todo o amplo edificio, palavras elogiosas para a Fundação.

Por enquanto apenas aos filia-dos nos sindicatos comerciais é facultada a regalia de almoçar na Fundação, sendo natural que ela se estenda aos outros.

As refeições económicas constam de sopa e um prato, pão, vinho e fruta, pelo preço de 2\$00.

Felicitemos a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho pela feliz iniciativa.

Embarque por fora do decreto

Longe vai o tempo em que num barco estrangeiro se embarcava apenas por pedido de um amigo, pela graça de um presente ou ainda a troco de uma concessão indigna.

Era um caminhar constante para as agências e para os cais, eram as esperas de horas seguidas às portas dos escritórios, os sorrisos falsos de simpatia ou a lamúria humilhante de misérias e necessidades.

A bordo, para que o lugar não fugisse, haveria que ter para com o mestre de hotel atenções especiais, atitudes de cruel submissão.

Tinha de se usar de todos os recursos para conquistar simpatias; acusar colegas, maltratar passageiros, desempenhar os mais repugnantes lugares, ser menos que um burro de carga, enfim.

A vida a bordo, no tempo anterior ao Sindicato era de miséria, miséria de atitudes miséria de tratamento, miséria de tudo e em tudo.

Um dia, porém, opera-se uma transformação profunda neste estado de coisas.

Refunde-se a legislação sobre a Inspeção Geral dos Serviços de Emigração e vem a publicação do decreto 19.029, pôr ordem onde reinava o caos.

A par da fixação das obrigações das companhias para com o emigrante estabelecem-se, os quadros, regula-se o embarque e desembarque do pessoal, organisa-se o movimento em condições.

Paralelamente, começa a organizar-se o Sindicato, formam-se os quadros, monta-se a máquina colectiva que permitirá uma distribuição honesta e igualitária do trabalho.

Já não é preciso o empenho, já não é necessário esmolar o embarque. O trabalho é distribuído por escala, e com quanto não seja o suficiente para viver, vai amparando.

* * *

As agências de Navegação, passados os primeiros tempos de suspeita e de ressentimentos, começam a ir requisitando ao Sindicato pessoal em número superior ao fixado pela lei, para o aplicar em serviços diversos.

Isto veio criar à Direcção um problema algo complicado, que terá de resolver-se com a ajuda e boa vontade de todos.

Analisemos um pouco detalhadamente o assunto.

Os embarques por fora do decreto, são vantajosos porque movimentam a escala de trabalho facilitando maior número de

saídas. Por isto a direcção tem deligenciado junto das agências a colocação do maior número possível de pessoal, nestas condições.

Nem sempre, porém, esta acção tem sido compreendida pelos associados.

Como o embarque em tais circunstâncias não é obrigatório, porque tal medida não pôde a direcção tomar sob sua responsabilidade, acontece várias vezes, verificarem-se recusa de embarques sob qualquer pretexto.

Por outro lado, as companhias como êsse pessoal segue sob sua directa subordinação, submetem-no a tóda a espécie de trabalhos, não admitindo a mais pequena observação. E assim exigem que êsse pessoal seja de sua confiança, ou que o Sindicato tome sôbre êle responsabilidade profissional.

A direcção pensou, de início submeter a assembleia geral o princípio da obrigatoriedade de embarque por fóra do decreto, mas logo ponderou que essa medida poderia trazer-lhe graves dissabores, visto que qualquer individuo embarcado contra vontade poderia com a sua acção a bordo comprometer-nos e aniquilar o trabalho de tanto tempo.

Desta forma o embarque fora da lei ficou facultativo, mas ultimamente começam a aparecer no Sindicato requisições de pessoal para embarque nestas condições, com indicações de tal ou tais individuos, sinal evidente que nessa requisição influiu o pedido dos associados requisitados.

Nós compreendemos que os barcos desejem, por comodidade, ter pessoal certo e de confiança para desempenhar os seus serviços, mas o que não pode ser tolerado é que o sistema vingue, porque nos levaria à triste situação de haver sócios que faziam 5 e seis viagens por ano, enquanto outros apenas faziam trez.

Além da injustiça, fazia nos regressar ao tempo antigo em que para trabalhar era preciso antes de tudo ser *menino bonito*.

Ora o Sindicato, que tem na sua escala de trabalho (sistema de distribuição de trabalho honesto) um motivo de orgulho, não pode nem consente no abandalhamento da classe.

Pessoal certo para embarcar fora do decreto apenas deve ser, e é permitido, a categoria copeiro, que é na realidade uma especialidade de certa responsabilidade.

Só às requisições deste ou daquele copeiro, a direcção está disposta a atender. Quanto aos outros, serão convidados os primeiros da escala, pela ordem da

BIBLIOTECA

A biblioteca do Sindicato, começada a organizar-se há pouco mais de um ano, conta já cerca de 190 volumes, quasi todos ofertas de presados consócios e amigos.

Num dos próximos números nos referiremos mais detalhadamente a esta iniciativa, e publicaremos os nomes daqueles associados e amigos que nos têm distinguido com suas dádivas em livros.

Excursão de propaganda corporativa ao Norte

Os nossos camaradas dos Sindicatos Nacionais do Norte, estão organisando uma grandiosa festa de propaganda corporativa para comemorar a assinatura do contracto de trabalho dos camaradas Tanoeiros.

Deslocar-se há à cidade invicta, em combóio especial, que deverá partir de Lisboa no dia 18, delegações de todos os sindicatos da capital, correspondendo assim ao amável convite daqueles camaradas.

Projectam-se no Norte grandes festas para honrar a visita aos trabalhadores do Sul, festas que certamente serão brilhantes.

Será mais uma salutar jornada de propaganda corporativa a juntrr a tantos outros, que ostentam — o progresso da Ideia

Às nossas associadas

A direcção comunica a tódas as associadas, que acaba de inaugurar na sede, uma sala de estar, exclusivamente para as associadas, onde poderão aguardar as ordens de chamada de pessoal para embarque quando tenham de fazer o piquete.

Nessa sala encontrarão as nossas associadas revistas para leitura, além das obras da nossa biblioteca.

sua inscrição, e recusados terminantemente o pedido de A. ou B. para outros serviços que não sejam os de copeiro ou pantryman.

A Direcção está firmemente convencida que essas requisições *com rótulo*, são obra dos próprios requisitados, fruto da pedincha vergonhosa, aquela pedincha que tanto nos humilhou no passado.

E porque assim é, a Direcção está decidida a castigar rigorosamente, com rigôr que pode chegar à expulsão, todo o associado que se prove ter solicitado às agências das companhias em Lisboa, ou a bordo junto dos chefes de salão ou comissários a sua requisição para embarque fora do decreto.

São maus camaradas os que assim procedem, porque se esquecem que em terra os seus companheiros também precisam de trabalhar, e onde êle não abunda, não é justo que uns o tenham consecutivamente, enquanto outros o esperam com evangélica resignação.